

A MORENINHA E A ESCRAVA ISAURA: A IRREVERÊNCIA DIANTE DOS PADRÕES SOCIAIS DA ÉPOCA

Elaine Cristina Menezes Queiroz; Tatiele Pereira da Silva; Georgia Caroline dos Santos Grampes; Maria Inês Cabral Silva; Profa. Me. Marta Helena Facco Piovesan

*Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
Centro de Estudos Superiores de Balsas - CESBA*

1. INTRODUÇÃO

O Romantismo foi uma escola literária que teve forte influência em causas sociais. Surgiu na Europa, no final do século XVIII, estendendo-se até o final do século XIX. Nesse período, contrapondo-se à escola anterior, Neoclassicismo, a literatura volta-se completamente para o indivíduo, retratando dramas pessoais. Pode-se afirmar então que houve intensa subjetividade e valorização do “eu”. (ARAÚJO, 2016).

O sentimento nacionalista que predominava no país na época, reflexo dos movimentos em prol da independência, também se fizeram presentes na literatura, como exemplo temos a exaltação da Pátria, encontrada nas obras de Gonçalves Dias. Ainda podemos citar o engajamento nas causas sociais de Castro Alves, que abordou temas polêmicos como a escravidão. (ARAÚJO, 2016).

O Romantismo é dividido em três gerações: a primeira, nacionalista, que buscava enaltecer elementos da terra e o índio como herói nacional; a segunda era chamada de Maldo-século e abordava temas como a solidão, a morte e frustração pelos desejos não atendidos; a terceira fase também chamada de condoreira foi caracterizada pelos ideais ousados dos poetas românticos de defender seu país e suas ideias de liberdade, prenunciando o Realismo, sendo o fim do movimento romântico no Brasil. (ARAÚJO, 2016).

Tem-se como principais características do Romantismo o rompimento com a tradição clássica; amor platônico, idealismo; idealização da mulher; subjetividade e egocentrismo; indianismo; nacionalismo e ufanismo; culto à natureza; sentimentalismo exacerbado; maior liberdade formal; religiosidade; evasão e escapismo.

A metodologia deste consistiu em uma pesquisa bibliográfica comparativa a fim de analisar o perfil das protagonistas Isaura e Carolina dos respectivos romances *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, e *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, dando enfoque para seus posicionamentos pouco comuns para a época em que estão inseridas. Carolina, mesmo na festa com todas as moças preocupadas com seus amores, preocupa-se apenas com as diversões, deixando o casamento - que era a ambição das moças da época - em segundo plano. Isaura, sendo escrava, deveria por obrigação sujeitar-se às vontades do seu senhor, no entanto prefere ser tratada como uma escrava comum, sendo obrigada a trabalhar a ter de se deitar com o mesmo e assim envergonhar a si e à sua patroa. “Preferia antes morrer como sua mãe, vítima das mais cruéis sevícias, do que ir por suas mãos lançar uma nuvem sinistra no céu até ali tão sereno e bonançoso de sua querida senhora.” (GUIMARÃES, 1988, p.15).

O presente trabalho mostra-se relevante por fazer um estudo a respeito das personagens femininas da época, mostrando as personalidades relativamente fortes de ambas, dando destaque à irreverência em não aceitar as regras preestabelecidas para sua condição de mulher e escrava, no caso de Isaura, pela sociedade da época.

2. A obra *A moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo

Joaquim Manuel de Macedo nasceu em Itaboraí, Rio de Janeiro, no dia 24 de junho de 1820. Morreu no Rio de Janeiro, no dia 11 de abril de 1882.

Formou-se em Medicina, mas não chegou a exercer a profissão, optando pela carreira literária e magistério. “Joaquim Manuel de Macedo, além de romancista, também foi poeta, dramaturgo, jornalista e historiador. É um dos pioneiros do romance no Brasil.” (BOSCOLLO, 2007, p. 03). Seu primeiro romance *A Moreninha* foi publicado em 1844 e é considerado o primeiro romance verdadeiramente representativo da literatura brasileira, uma vez que apresenta “linguagem simples, tramas fáceis, descrição de costumes da sociedade carioca, suas festas e tradições, pequenas intrigas de amor e mistério, um final feliz com a vitória do amor.” (FRAZÃO, 2016, grifo nosso).

Sobre *A moreninha* Boscollo (2007) argumenta que:

Esse escritor preocupou-se em transpor os tipos, as cenas, a sociedade em uma fase de estabilização a partir de um estilo, construção, recursos narrativos mais próximos da maneira de ser e falar das pessoas que o iriam ler. Sua temática restringe-se aos costumes da classe pequeno-burguesa do Império, com seus saraus familiares, namoros de estudantes, mucamas alcoviteiras, comadres, negociantes, funcionários públicos, tendo no amor o problema central de uma sociedade que gira em torno do casamento. (BOSCOLLO, 2007, p.03)

Indo contra essa sociedade que preza o casamento, Carolina em momento algum manifesta tal desejo ou necessidade, afirma-se menina ainda e que prefere rir e brincar com suas bonecas, não que ela seja avessa ao matrimônio, apenas difere das outras personagens femininas do romance, pois estas vivem a falar de suas glórias e infortúnios romanescos.

2.1 A obra *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães

Bernardo Guimarães nasceu no dia 15 de agosto de 1825, na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Foi um romancista e poeta brasileiro, além de jornalista, professor de latim, francês, retórica e poética. Foi considerado o criador do romance sertanejo e regional, ambientado em Minas Gerais e Goiás. Seu romance mais popular foi "*A Escrava Isaura*", publicado em 1875, que relata a luta de Isaura, uma escrava branca, por sua liberdade e o amor impossível por Álvaro, um jovem abolicionista e republicano. (FRAZÃO, 2015).

2.2 *A moreninha* e *A escrava Isaura*: A irreverência diante dos padrões sociais da época

As personagens dos dois romances apresentam características femininas pouco comuns para sua época. Segundo Antonio Candido, a literatura transfigura a realidade, deste modo, com base nas obras românticas, é possível enxergar a sociedade brasileira do século XVIII. O caso da mulher livre, *A moreninha*, que deveria ser instruída desde cedo a se preparar para o matrimônio. Tanto que Carolina com apenas quatorze anos já sabe bordar - pois era esperado dela que começasse a fabricar seu enxoval de casamento, mesmo não tendo recebido proposta nenhuma até então. Espera-se ainda que uma moça de família abastada como Carolina saiba se portar de forma educada, falar o mínimo possível, e responder passivamente. A protagonista de *A moreninha* vai contra esse estereótipo da moça quieta e recatada.

- E que importa que eu rasgasse um lenço? Minha querida avó, peço-lhe licença para dar um dos meus ao Sr. Augusto.

A Sra. D. Ana, que começava a desconfiar da natureza dos sentimentos da mestra e do aprendiz, julgou a propósito não dar resposta alguma, mas nem isso desnorteou a viva mocinha que, tirando de sua cesta de costura um lenço recentemente por ela marcado, o ofereceu a Augusto, dizendo:

- Eu não admito uma só desculpa, não desejo ver a menor hesitação; quero que aceite este lenço. (MACEDO, 2009, p. 133, grifo nosso)

Carolina é ativa, peralta, às vezes petulante, curiosa, não se cala ante as provocações de Augusto. Ela é desinibida, diferente da grande maioria das moças retratadas nas obras românticas. É irreverente, mesmo com as reprimendas de sua avó.

-Pois bem; palmatória não, porque, enfim, podia doer-lhe muito; mas de cada vez que eu julgar necessário, dar-lhe-ei um puxão de orelha.

- Menina! Disse a Sra. D. Ana.

- Mas, minha avó, eu não estou pedindo a ele que venha aprender comigo. (MACEDO, 2009, p.127)

- Já não posso mais! Exclamou a bela mestra; rebentou o senhor pela quinta vez a linha; não dá um ponto que preste; não há outro remédio...

E, dizendo isto, lançou uma das mãos à orelha do aprendiz, que de súbito deu um grito e acudiu com as suas. (...) - Menina, tenha modos!... O Sr. Augusto não é criança, exclamou a Sra. D. Ana (...). (MACEDO, 2009, p.127).

Assim como Carolina, Isaura mostra-se forte, irreverente, pois coloca seus valores e princípios pessoais acima do que é esperado de alguém na condição dela no século XVIII. Sendo mulher e escrava, espera-se de Isaura uma dupla submissão.

Como escrava, Isaura não era nada mais que um objeto do seu senhor, portanto, Isaura deveria por obrigação satisfazê-lo, mesmo que o desejo dele a privasse de sua inocência e castidade. Casos como esses são comuns em obras que retratam a escravidão. As mulheres, além de serem obrigadas a trabalhar, apanhavam pelo menor deslize e muitas vezes eram violentadas sexualmente pelos seus senhores. Isaura, apesar de conhecer essa realidade, uma vez que sua mãe foi vítima de tal violência:

Deixa dessas falas. Coitada da Isaura. Deus te livre a você de estar na pele daquela pobrezinha! Se vocês soubessem quanto penou a pobre da mãe dela! (...). Juliana era uma rapariga de brio, e por isso teve de penar, até morrer.(...) Também Juliana pouco durou; Piraí e serviço deu com ela na cova em pouco tempo. Picou aí a pobre menina ainda de mama, e se não fosse sinhá velha, que era uma santa mulher, Deus sabe o que seria dela!... também, coitada!... antes Deus a tivesse levado!...

— Por quê, tia Joaquina?...

— Porque está me parecendo que ela vai ter a mesma sina da mãe...

(GUIMARÃES, 1988, p. 25)

Assim como a mãe que morreu, mas não sucumbiu aos desejos do siôzinho, Isaura recusa-se veementemente a ceder aos desejos lascivos de Leôncio, e vive em constante fuga.

E, entretanto, se te mostrasses mais branda comigo... mas não, é muito aviltar-me diante de uma escrava; que necessidade tenho eu de pedir aquilo que de direito me pertence? Lembra-te, escrava ingrata e rebelde, que em corpo e alma me pertences, a mim só e a mais ninguém. És propriedade minha; um vaso, que tenho entre as minhas mãos e que posso usar dele ou despedaçá-lo a meu sabor.

— Pode despedaçá-lo, meu senhor; bem o sei; mas, por piedade, não queira usar dele para fins impuros e vergonhosos. (..)

— Todo o teu ser é escravo; teu coração obedecerá, e se não cedes de bom grado, tenho por mim o direito e a força... mas para quê? Para te possuir não vale a pena empregar esses meios extremos. (...)
— Ah! Senhor! Bem sei de quanto é capaz. Foi assim que seu pai fez morrer de desgosto e maus-tratos a minha pobre mãe; já vejo que me é destinada a mesma sorte. Mas fique certo de que não me faltarão nem os meios nem a coragem para ficar para sempre livre do senhor e do mundo. (GUIMARÃES, 1988, p.35).

Foi evidenciada a relutância das duas personagens, aqui analisadas, em se portar de acordo com o que a sociedade ditava. Elas foram à contramão dos costumes da época e se constituíram personalidades fortes.

CONCLUSÃO

Considerando tudo que foi exposto até agora, conclui-se que, embora em contextos diferentes, as duas protagonistas, Carolina e Isaura, apresentam características à frente dos seus tempos. Posicionam-se de modo diferente dos preceitos que pré-determinavam como uma senhorita/ mulher deveria se portar. Ambas as personagens, por meio de suas personalidades audaciosas e irreverentes apresentam uma nova forma de representar o feminino, que constantemente aparece nas obras Românticas como doces, passivas e subservientes. Carolina é retratada como uma garota peralta que não fica sentada por muito tempo na mesma posição e é uma moça de muitas palavras outro fato incomum visto de se trata de uma moça do século XIX. Isaura é um tipo incomum de escrava, ela nega ao seu senhor, Leôncio, o seu corpo que de acordo com as leis da época eram propriedade de Leôncio. Fica explícito a diferença dessas duas personagens quando comparadas à outras personagens de obras românticas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ana Paula. **Romantismo no Brasil**. Disponível em:
<<https://www.infoescola.com/literatura/romantismo-no-brasil/>>. Acesso em: 04/07/2018.
- BOSCOLLO, Claudia Besser. **A moreninha e Senhora: dois perfis de mulheres Românticas da Literatura Brasileira**. Disponível em:
<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/ClaudiaBesserBoscollo.pdf>. Acesso em: 03/07/2018.
- FRAZÃO, Dilva. **Bernardo Guimarães: um escritor brasileiro**. Disponível em:
<https://www.ebiografia.com/bernardo_guimaraes/>. Acesso: 03/07/2018.
- FRAZÃO, Dilva. **Joaquim Manuel de Macedo**. Disponível em:
<https://www.ebiografia.com/joaquim_manuel_de_macedo/>. Acesso em: 03/07/2018.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Santiago: Minha. 1988.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. São Paulo: Ciranda Cultural. 2009.